

# GÊNEROS MIDIÁTICOS E LEITURA EM INGLÊS – A PERSPECTIVA DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO NA PESQUISA E ENSINO DE LÍNGUAS

Rodrigo ACOSTA PEREIRA – (UFSC)<sup>1</sup>

**ABSTRACT:** *The present work aims to (a) discuss the Fairclough's perspective to the analysis of media discourse; (b) present theoretical and methodological aspects about teaching/learning language upon this perspective; (c) explain the importance of situational and cultural contexts to understand discourse and (d) final considerations about Critical Discourse Analysis and teaching/learning language.*

**KEY-WORDS:** *Discourse Media; Discourse Genre; Critical Discourse Analysis*

## 1. Introdução

Diversas discussões têm surgido a respeito do ensino de línguas sob a perspectiva de gêneros do discurso (Meurer e Motta-Roth, 2002; Marcuschi, 2002; 2005; Bonini, Meurer e Motta-Roth, 2005; Dionísio, Machado e Bezerra, 2002). Contudo, todas concordam com a importância de relacionar a linguagem com sua dimensão social, considerando não apenas aspectos lingüístico-textuais como também socioculturais e sociosemióticos, buscando compreender a língua(gem) como prática social.

Em relação a essas diferentes abordagens, podemos entender que (inter)relacionamo-nos por meio de dimensões lingüísticas em suas diversas semioses na diferentes interações que surgem em nossa vida social. Dessa forma, o uso da língua(gem) está em constante transformação, (re)construção, já que a partir de diferentes interações sociais, emergem diferentes práticas discursivas ritualizadas, originando, conseqüentemente, diferentes gêneros do discurso. Com isso, torna-se importante a compreensão de práticas sociais, discursivas e textuais para o estudo (análise, pesquisa) e aplicação didática (ensino/aprendizagem) de gêneros. A esse respeito, Marcuschi (2005, p. 19) afirma que, “[...] os gêneros não são superestruturas canônicas e determinadas, mas também não são amorfos e simplesmente determinados por pressões externas. São formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos”.

Com base nesses pressupostos, o trabalho objetiva discutir a importância dos estudos de gêneros do discurso e sua relevância para o ensino de línguas. Para isso, relacionar-se-á a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD) (Fairclough, 1995; 1992, Wodak, 2001; Meurer, 2005) com os estudos sobre gêneros do discurso (Marcuschi, 2002; 2005, Motta-Roth, 2005, Meurer, 2000; 2001; 2004; 2005, Bazerman, 2005) para melhor compreender o ensino e a pesquisa de leitura crítica (Fairclough, 1992; Wallace, 1992; Meurer e Motta-Roth, 2002) em inglês sob essa perspectiva. Em adição, buscar-se-á discutir o papel do contexto (Eggins, 1994; Meurer, 2000; 2004; Halliday e Hasan, 1989; Halliday, 1994) no estudo de gêneros e sua relevância para compreensão da linguagem como prática social.

O artigo organiza-se da seguinte forma: (1) discussão sobre a perspectiva de Fairclough para análise do discurso da mídia; (2) apresentação de aspectos teórico-metodológicos sobre a o ensino de línguas sob a perspectiva de gêneros do discurso e exemplificação de propostas de análise com base nos gêneros midiáticos *publicidade e propaganda* para o ensino de leitura crítica em inglês e (3) compreensão da importância do contexto (situacional, cultural) para estudos de gêneros. Cabe aqui ressaltar que, a proposta de análise terá ênfase na linguagem verbal, embora sejam importantes estudos sobre linguagem visual e gêneros multimodais. Contudo, por questões de espaço, o artigo se deterá no discurso verbal.

## 2. Discurso da mídia sob a perspectiva da ACD de Fairclough

A mídia exerce influências diretas em nossas relações interpessoais, em nossas representações da realidade, nos usos diversos da linguagem e em nossa (re)construção identitária. Fairclough (1995) a esse respeito, propõe que analisemos a linguagem de textos midiáticos a partir de três questões centrais e norteadoras de todo discurso:

---

<sup>1</sup> Mestrando em Lingüística Aplicada da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CNPq.

<i>Questões Centrais</i>	<i>Categorias</i>	
Como o mundo está representado (eventos, relações, etc.)?	Representação	→ Representações particulares e recontextualizações de práticas sociais.
Que identidades estão envolvidas nessa representação?	Identidade	→ Papéis e <i>status</i> da identidade social.
Que relações estão construídas entre os envolvidos na representação?	Relações Sociais	→ Relações entre escritor e leitor.

Tabela 1. Questões norteadoras para análise de discursos da mídia sob a perspectiva da ACD de Fairclough (1995).

Com base na tabela podemos entender que as três questões apresentadas estão diretamente relacionadas com a dimensão ideológica do discurso. Dessa forma, as representações, identidades e relações estão a serviço de uma construção particular da realidade; de construções particulares de identidades sociais e a construção ideológica de relações sociais. A mídia sofre as coerções da ideologia dominante que, por sua vez, altera, transforma, constrói e reconstrói representações, relações e identidades por meio do discurso. Além disso, esse discurso ideológico busca mecanismos de realizações implícitas ou explícitas na construção dos textos midiáticos (por meio de recursos sociosemióticos).

É importante pensarmos sobre a ideologia. Podemos entendê-la como “significados a serviço do poder” (Thompson, 1990 apud Fairclough, 1995, p. 14) ou “significados/construções da realidade (do mundo físico, das relações sociais, das identidades sociais) que são incorporadas a várias dimensões das formas e significados das práticas discursivas, e que contribuem para a produção, reprodução e transformação de relações de dominação<sup>2</sup>”. (Fairclough, 1992: 87)

A esse respeito, Fairclough (1995) discute que a análise de discursos da mídia tem sido reconhecido com um importante recurso metodológico para o (re)conhecimento das diversas mudanças sociais, além de apresentar subsídios para a compreensão das diferentes relações sociais e como estas se relacionam com a socioconstrução da identidade. O autor também afirma que dois diferentes processos têm afetado o discurso midiático contemporâneo: (a) conversacionalização e (b) marketização o que têm contribuído para: (1) uma tensão entre o que se apresenta como informação e o que se entende como diversão; (2) uma tensão entre o discurso público e o privado e isso, conseqüentemente, contribui para a tendência do discurso midiático público tornar-se cada vez mais conversacionalizado e o discurso da diversão apresentar-se mais marketizado.

Sob a perspectiva da ACD, podemos entender *conversacionalização* como um determinado processo de aproximação por meio de recursos lingüísticos entre o texto e o leitor. *Marketização* pode ser entendida como a construção do discurso da mídia sob a ótica do marketing, buscando atingir uma sociedade imersa em uma cultura consumista e promocional. Fairclough (1995, p. 12) discute que, “a respeito da marketização, o aumento da construção de audiências como consumidores e o aumento da pressão de produtores para a diversão podem ser vistos como parte de uma normalização e naturalização do comportamento consumista e uma cultura do consumo [...]”.<sup>3</sup>

Fairclough (1995) também propõe que possamos entender o discurso da mídia por meio de estudos dos (a) eventos comunicativos e da (b) ordem do discurso. Dessa forma, segundo o autor, poderemos compreender o gênero e sua relação com práticas sociais, já que, “o gênero é o uso da linguagem associado e constituído como parte de uma determinada prática social [...]” (p. 56). Quanto aos eventos comunicativos, o autor afirma que a análise crítica do discurso da mídia implica a análise das relações existentes entre as três dimensões desse evento discursivo: o texto, a prática discursiva e a prática social.

Fairclough (1995, p. 57) afirma a análise de *textos* “preocupa-se com seus significados e formas” sob a ótica de texto como um sistema sociosemiótico multifuncional, isto é, o texto, simultaneamente realiza três metafunções (Halliday, 1994; Eggins, 1994): (a) a Metafunção Ideacional, responsável pela representação do real por meio da linguagem a partir de processos, circunstâncias e participantes; (b) a Metafunção Interpessoal que busca compreender como o discurso se constrói para caracterizar diferentes relações intersociais e (c) a Metafunção Textual que compreende a realização coerente e coesa de textos.

<sup>2</sup> Tradução do autor.

<sup>3</sup> Tradução do autor.

Quanto às *práticas discursivas*, o autor preocupa-se com a produção, distribuição e consumo e dos textos midiáticos e *práticas socioculturais*, com a inserção dos eventos comunicativos em seu contexto cultural de comunicação social. Segundo o autor esta visão das questões norteadoras de análise do discurso da mídia, além de estar também relacionada com as três dimensões de análise acima discutidas, contribui para a compreensão das diversas ideologias, processos intertextuais e interdiscursivos, além do processo de intercontextualidade (Meurer, 2004) implicados nos gêneros da mídia.

Meurer (2005, p. 82) facilita a compreensão da proposta da ACD de Fairclough e sua aplicação à análise de textos, apresentando um quadro de perspectivas gerais adotadas, que podem ser assim sintetizadas: (a) a linguagem é entendida como uma prática cuja característica essencial é ser fundamentalmente social; (b) as formas discursivas e as estruturas sociais se influenciam e se constituem mutuamente e, portanto, o contexto tem papel fundamental na compreensão da linguagem enquanto prática; (c) a linguagem tem poder constitutivo; (d) os textos são perpassados por diferentes relações de poder (ideologias e hegemonias); (e) todo texto se acha em uma corrente contínua de outros textos, portanto, torna-se relevante discutirmos o interdiscurso, a intertextualidade e a intercontextualidade e (f) a ACD é emancipatória por buscar desenvolver nos indivíduos a consciência crítica da linguagem.

Com isso, após esta breve exposição sobre alguns aspectos teóricos e metodológicos da perspectiva da ACD de Fairclough para análise de gêneros da mídia, a próxima seção busca discutir o ensino de línguas sob a perspectiva dos gêneros do discurso.

### 3. Gêneros do discurso e ensino de línguas

Diferentes perspectivas conceituais e metodológicas têm sido aplicadas para a compreensão dos gêneros e sua relação com o ensino de línguas (por exemplo, a abordagem sociosemiótica com base na perspectiva da ACD e da Lingüística Sistemico-funcional cuja metodologia se baseia na Gramática Sistemico-funcional de Halliday (1994), diferentemente da abordagem sociodiscursiva cujos referenciais estão no Interacionismo Sociodiscursivo com base em Bronckart, Schneuwly e Dolz), contudo, proponho discutirmos sob a perspectiva da ACD a qual o trabalho se contextualiza. Pensar no ensino da linguagem em uso em suas diferentes semioses é compreendermos os gêneros enquanto práticas sociais que materializam esses diversos usos nas mais variadas interações e nos determinados contextos de uso.

Portanto, para entendermos o funcionamento e a dinamicidade dos gêneros, é essencial que possamos relacioná-los com seus diversos aspectos interacionais e contextuais, além de entendermos de fato, o que são gêneros, como se constroem, evoluem e qual sua contribuição para o ensino de línguas. Podemos entender gêneros como formas lingüísticas determinadas e construídas para certos fins sociais, ou seja, formas de interagir por meio da linguagem. Essas formas de interação são formadas por textos enquanto ações sociais constituídas por fatos sociais. Com base em Bazerman et. al (2005), podemos entender que fatos sociais são ações sociolingüísticas realizadas por formas textuais tipificadas – gêneros. Gêneros, para o autor, não apenas coordenam nossos atos de fala como também facilitam a compreensão das ações sociais mediadas pela linguagem a partir de suas formas padronizadas de interação.

Dessa forma, os gêneros se definem como formas tipificadas de comunicação não apenas facilitam a compreensão da linguagem em uso em determinadas situações socioculturais de interação como também determinam em relação dialética nossas práticas sociais cotidianas.

Motta-Roth (2005, p. 182) apresenta o gênero como “fenômeno estruturador da cultura”. Para tanto, a autora define cultura (retomando Holliday, 1999 e Laraia, 1986) como “um sistema, um conjunto de processos sociais que são dinâmicos e sujeitos à mudança, pois, não são fixos dentro de fronteiras sociais, econômicas e sociais”. Em síntese, nesse trabalho irei me concentrar nessa relação entre gênero, discurso e cultura, sendo esta última condutora de nossa compreensão sobre a construção social de significação dos textos midiáticos. Em adição, retomaremos a noção de gêneros sob a perspectiva de Bakhtin (2000) de gêneros como conjunto de enunciados mais ou menos marcados por regularidades de estilo, composição e conteúdo temático e a proposta de Marcuschi (2005, p. 18 retomando Bazerman, 1994) que “gêneros são rotinas sociais do nosso dia-a-dia”. A seguir seguem algumas sugestões de análise prévia do professor para a elaboração de atividades didáticas para o ensino de leitura crítica em inglês.

Primeiramente, cabe ressaltarmos que as sugestões aqui propostas são apenas de cunho sugestivo, isto é, outras alternativas também podem ser utilizadas. As propostas estarão de acordo com as três dimensões de análise de Fairclough e, portanto, seguem a perspectiva da ACD.

<p><i>Texto</i> = Compreender significados ideacionais, interpessoais e textuais a partir da descrição do léxico, da gramática (escolhas léxico-gramaticais) da coesão e da estrutura potencial do gênero.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Processo de Personificação Sintética (o uso de recursos pronominais que enfatizam o papel do leitor em diálogo direto com o texto; por exemplo, o uso de você, as formas imperativas, etc.);</li> <li>2. Recursos de Pronominalização de Inclusão e Exclusão (por exemplo, o nós inclusivo e exclusivo);</li> <li>3. Verbos e adjetivos que naturalizam os problemas, idéias ou comportamentos;</li> <li>4. Estratégias Argumentativas;</li> <li>5. Expressões Idiomáticas;</li> <li>6. Parâmetros de Textualização (por exemplo, problema-solução-avaliação)</li> <li>7. Perguntas Retóricas;</li> <li>8. Atos de Fala (Locucionários, Illocucionários e Perlocucionários);</li> <li>9. Seleção Lexical;</li> <li>10. Recursos Gráficos;</li> <li>11. Modalidade Retórica -Macro e Microestrutural;</li> <li>12. Referenciação Endofórica e Exofórica;</li> <li>13. Modalização;</li> <li>14. Marcadores Discursivos;</li> <li>15. Aspectos Verbais;</li> <li>16. Vozes Verbais;</li> </ol>
<p><i>Prática Discursiva</i> = Investigar aspectos sociocognitivos da relação entre produção, distribuição e consumo de textos da mídia. Busca-se interpretar a intertextualidade, interdiscursividade e intercontextualidade dos textos midiáticos.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quem produz o texto?</li> <li>2. Quem consome?</li> <li>3. Como se dá a distribuição?</li> <li>4. Domínio Discursivo;</li> <li>5. Interdiscursividade;</li> </ol>
<p><i>Prática Social</i> = Relacionar os textos midiáticos com práticas sociais mais amplas das quais o texto é uma parte. Busca-se explicar ideologias e hegemonias reproduzidas no discurso.</p>	<p>Todas as escolhas lexicais e gramaticais são decorrentes de uma certa visão de mundo que se constitui por determinadas ideologias e hegemonias que regularizam e regulamentam comportamentos, idéias e crenças.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Que ideologias estão implícitas ou explícitas no discurso?</li> <li>2. Que hegemonias estão predominantes na construção social da realidade mediada pela linguagem no gênero?</li> </ol>

Tabela 3: Sugestão de análise de gêneros midiáticos publicidade e propaganda.



You simply and purposefully open the door.

To rest,

to close your eyes,

to work.

The Diners Club Lounge.

To talk,

To check in,

To tidy up a bit.

**Entry to the lounge.**

In over 30 airports

in countries

all over this world.

A door opens

to you.

The Diners Club Lounge.



**The Card is key.**



**Why green is good.**

Somewhere over the rainbow, a principle isn't a principle until it costs you money. So before you know those companies which have endorsed a more responsible social and environmental attitude? Does this make them a risky investment? Or an investment you can't risk ignoring? Let's look at a few facts.

Over the last three years, we've outperformed the Morgan Stanley Capital World Index by several percentage points per year.

We're one of the strongest balance sheets of any company in any industry. Our dividends have grown each year. We're investing \$12 billion per year in projects creating long-term value for shareholders. We are one of the top performers in the energy sector of the Global Dow Jones Sustainability Index and included in the NYSE Euronext Green Index in 2009. And the highest quality ratings continue to make their way forward as we look for a company whose corporate values match their own personal ones.

All of which leads to suggest two things: A company which cares as much about how it makes money as how much money it makes, will make money. For its shareholders, its investors and its employees. And who's to blame that shares about principles are being in the past.

A year which grows stronger and even more distant by the day.

If you'd like to know more, a visit to [www.shell.com](http://www.shell.com) could prove profitable.

Profits. Principles. Or both? 

Gêneros selecionados para a elaboração de propostas de análise e ensino. Uma publicidade da *Shell* (publicado em 15 de dezembro de 2003) e uma propaganda do cartão de crédito *Diners Club International* credit card (publicado em 4 de novembro de 2002).

#### 4. Gêneros e contexto

A linguagem em uso segue determinadas legitimações, isto é, as ações sociais mediadas pela linguagem nas diversas práticas sociais são regulamentadas por diferentes estruturas da organização social. Entender linguagem enquanto prática social passa ser compreender a relação bidirecional existente entre linguagem e estruturas sociais.

Por meio do discurso, os indivíduos constroem, criam e recriam realidades, sofrendo as coerções da realidade circundante da qual se inserem (Fairclough, 1992; 1995). As diferentes escolhas léxico-gramaticais que os indivíduos se utilizam em suas diversas atividades mediadas pela linguagem, sofrem determinadas e específicas regulamentações de formação, oriundas de regras e recursos que constituem a estrutura social, determinando como as pessoas agem, se comunicam ou se comportam.

Conforme Giddens (1984; 2002) propõe, as estruturas sociais são constituídas e existem como resultado do uso que as pessoas fazem de regras e recursos. Com isso, podemos entender que regras são normas, as convenções e os significados através dos quais as pessoas se orientam ao compreender ou desempenhar ações sociais. Os recursos são as posses e as capacidades que as pessoas têm que lhes permitem exercer controle sobre o meio ambiente e sobre os outros indivíduos. As regras e recursos formam as estruturas porque se repetem no tempo e no espaço e criam esquemas de expectativas dentro dos quais as pessoas agem e se comportam ou utilizam a linguagem, por meio de formas tipificadas de uso social.

Giddens (1984) discute que as regras se subdividem em elementos normativos e códigos de significação e os recursos em autoritativos e alocativos que, por sua vez, respectivamente, constituem as estruturas de legitimação, significação e de dominação e hegemonia.

Meurer (2000, p.157) propõe que, “tipicamente, as estruturas de significação e legitimação são realizadas através de textos específicos –[gêneros]– que, por sua vez, refletem e reproduzem diferentes discursos”. O autor ainda retoma que “a sociedade em si constitui uma estrutura e os eventos sociais – incluindo os gêneros – constituem estruturas menores que tomam forma, são reproduzidas e/ou vão mudando paulatinamente, dentro da estrutura social”.

As fundamentações da Teoria da Estruturação Social proposta por Giddens (1984) pode contribuir para compreendermos como se dá a ligação entre o texto e a sociedade, verificando, com isso, como nossas diversas escolhas de uso da linguagem são influenciadas por diferentes propriedades estruturantes da sociedade: regras e recursos. Em adição, para entendermos como a linguagem representa construções sociais da realidade, é também pertinente compreendermos como a cultura “molda” nosso discurso frente às diversas representações sociais, determinando nossos atos, comportamentos, prática lingüística e identidade. Devemos pensar como funciona o circuito da cultura (Du Gay, 1997) frente aos diversos usos que fazemos da linguagem.

As regras e recursos sociais moldam nossos desejos, visões e comportamentos, impondo determinados “rótulos” de identificação (Meurer, 2004), institucionalizando acepções de que temos que ser aquilo que é aceitável, regulamentado e autorizado pelos padrões da estrutura social. É importante atentarmos para a relevância de relacionar aspectos da estrutura social com a análise do discurso, buscando aliar uma teoria social para descrever a inter-relação entre significados e contexto (cultural e situacional). Meurer (2004) a esse respeito, discute a importância da análise da Teoria da Estruturação Social de Giddens (1984) como ferramenta para análise do contexto.

Segundo o autor, da relação entre linguagem e estruturação social, teremos uma ampliação da noção de contexto na Lingüística Sistemico-funcional (Halliday e Hasan, 1985; Halliday, 1994, Eggins, 2004), além de discutir aspectos de caráter social, contribuindo para estudos da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1992; 1995). O objetivo dessa relação, de acordo com Meurer (2004, p.135), “é desenvolver uma fundamentação sociológica abrangente para a descrição e explicação da interdependência entre textos e contextos mais amplos”. Sob essa perspectiva de relação entre discurso e sociedade, torna-se importante também compreendermos a relação dessas instâncias com a socioconstrução da identidade. Moita Lopes (2003, p. 13) propõe que entendamos “o discurso como espaço de construção das identidades”, isto é, compreender que as identidades são construções sociais promovidas de acordo com padrões de ordem social que constituem o Eu na sociedade.

Segundo Woodward (2000, p. 16 com base em Du Gay, 1997 e Hall, 1997), “precisamos [na mídia] examinar a forma como a identidade se insere no circuito da cultura bem como a forma como a identidade e a diferença se relacionam com a discussão sobre representação”. Assim, ao relacionarmos a Teoria da Estruturação Social de Giddens (1984) com a Teoria do Circuito de Cultura de Du Gay (1997) assim ficaria relacionado o papel da mídia na construção sociodiscursiva de identidades.

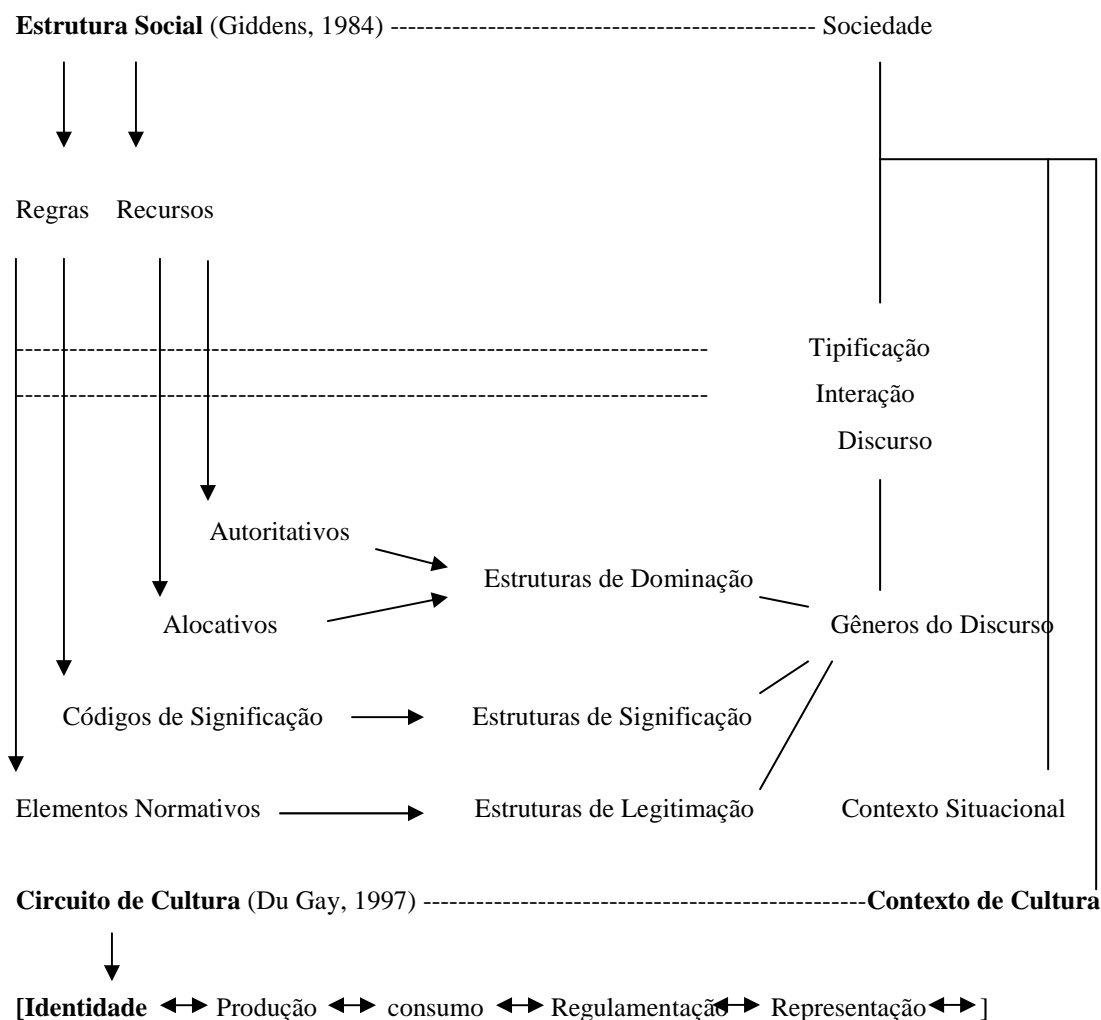


Diagrama 2: A inter-relação entre Estruturação Social (Giddens, 1984) e Circuito Cultural (Du Gay, 1997).

Dessa forma, concebendo linguagem como prática social, portanto, linguagem enquanto gênero, o ensino com base em gêneros do discurso não apenas dirige-se ao (re)conhecimento de práticas socioculturais como também do próprio funcionamento da linguagem nessas práticas. Todos os recursos (funcionais, pragmáticos, discursivos, retóricos) utilizados nos gêneros são oriundos das diferentes práticas e relações sociais que desempenhamos na vida em sociedade.

## 5. Gêneros e ensino de leitura crítica

O papel da metacsciência crítica sobre a linguagem no ensino/aprendizagem de línguas é fundamental, não apenas para o reconhecimento das diversas dimensões socioculturais da linguagem em uso, como também para a atenção da relação entre linguagem e poder. A consciência crítica da linguagem é um requisito para a cidadania, portanto, é fundamental que professores e alunos se engajem em cooperação no desenvolvimento de práticas educacionais que enfatizem uma perspectiva social e crítica no ensino/aprendizagem da linguagem.

Além disso, é importante (re)conhecermos que o uso da linguagem está em constante (re)construção, representando mudanças. Fairclough (1992, p. 8-11) propõe que entendamos a linguagem em sua dimensão crítica, pois, segundo o autor, (1) o discurso constitui e é constituído pela sociedade; (2) o discurso influencia a socioconstrução de identidades e reações; (3) o discurso é constituído por relações de poder e investido por ideologias; (4) o discurso é investido por relações de poder; (5) a consciência crítica da linguagem pode demonstrar como a sociedade e o discurso se constituem mutuamente; (6) a relação entre ação social e texto é mediada pela interação.

Sob essa perspectiva, no ensino de leitura crítica devemos atentar para a relação entre texto-leitor, buscando compreender como o contexto e os papéis sociais determinam essa interação e como determinadas ideologias legitimam e naturalizam sentidos e constroem relações sociais (Wallace, 1992). Wallace (*idem*) discute que a leitura crítica envolve não apenas uma resposta crítica ao texto, mas também a consideração de diferentes aspectos situacionais e culturais que constituem esse texto. Desde que leitura, conforme propõe Wallace (*idem*) signifique um olhar crítico, não apenas no texto como construção lingüística, mas nas práticas discursivas e sociais, podemos relacionar essa perspectiva com as dimensões e análise de Fairclough (1995), além de compreendermos a importância da relação entre texto-contexto (Eggins, 1994) para o ensino de leitura.

## 6. Considerações finais

Discutir ensino de línguas é discutir linguagem, isto é, compreender que concepções de língua, linguagem, ensino e educação estão pressupostas em nossa prática pedagógica. Dessa forma, tratar de gêneros no ensino da linguagem, é buscar compreender como diferentes práticas socioculturais se constroem por meio de sistemas sociossemióticos verbais e como isso poder ser levado para escola como processo de construção de saberes, de letramento.

Ao contemplar o ensino como uma prática sociocultural, estamos conscientes sobre a importância da linguagem na vida social. Num espaço social onde a negociação, a busca por informações e construção de conhecimento são atividades recorrentes, o papel do ensino de línguas atuante e que estabeleça relações com experiências de alunos e professores assim como com suas expectativas e necessidades, torna-se o foco predominante.

É dessa forma que, antes de pensar em ensinar uma língua, seja ela materna ou estrangeira, é preciso que se tenha em mente uma concepção de linguagem. A linguagem como discurso, visão sustentada neste trabalho, defende o estudo da língua através de textos (escritos ou orais) completos, levando-se em consideração o contexto sócio-cultural em que esses textos foram produzidos e em que estão inseridos.

È importante redefinirmos o professor como (re)construtor de conhecimento; profissional responsável pela emancipação, empoderamento e autonomia do aluno. Buscar compreender o papel do professor como indispensável para a aprendizagem crítica e dinâmica frente aos diversos conhecimentos que juntos podem ser (re)pensados, (re)organizados e (re)definidos de maneira colaborativa no espaço escolar. Deveríamos desconstruir a visão externalista de reprodução do conhecimento e adotarmos uma abordagem que vise a autoformação do aluno com base em um processo de construção-reconstrução contínua, isto é, buscar um aluno capaz de autonomia e cooperação em sua própria aprendizagem.

Deveríamos buscar uma educação participante, dialógica, social e crítica, na qual a escola se apresente como espaço de pesquisa, envolvimento, autonomia, criticidade e participação política e social. Deveríamos nos inspirar em Paulo Freire o qual defende a idéia de que – *educar é exercer influência sobre o aluno de tal modo que ele não se deixe influenciar.*

Acredita-se que este estudo pode revelar muito sobre as (inter)faces discursivo-ideológicas na constituição do gênero midiático assim como revelar a importância da contribuição da Análise Crítica do Discurso e do Estudo de Gêneros para o ensino de língua inglesa como língua estrangeira.

**RESUMO:** O artigo objetiva (1) discutir a perspectiva de Fairclough para análise do discurso da mídia; (2) apresentar aspectos teórico-metodológicos sobre o ensino de línguas sob a perspectiva de gêneros do discurso e exemplificação de propostas de análise (3) compreender a importância do contexto (situacional, cultural) para estudos de gêneros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso da mídia; gênero do discurso; Análise Crítica do Discurso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, Mikhail A *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- BAZERMAN, Charles; DIONÍSIO Angela Paiva; HOFFNAGEL Judith Chambliss (Orgs.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez. 2005.
- DU GAY, Paul (org.) *Production of culture/Cultures of Production*. London: Sage/The Open University, 1997.
- EGGINS, Suzanne. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London. Printer. 2004.
- HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, Ruqaiya *Language, context and text: aspects of language in a social semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold. 1994.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Language awareness*. Longman: London, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Media Discourse*. London: Longman, 1995.
- GIDDENS, Anthony *The Constitution of Society*. Cambridge: Polity Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel & BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002, p.19-36.
- \_\_\_\_\_. Gêneros textuais: dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Orgs.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê. 2005, p.17-34.
- MEURER, José Luis. O Conhecimento de Gêneros Textuais e a Formação do profissional da Linguagem. In: FORTKAMP, Mailce.Borges Mota; TOMICH, Lêda Maria Braga. (orgs.) *Aspectos da Lingüística Aplicada*. Florianópolis: Editora Insular. 2000. P. 149-166.
- \_\_\_\_\_. & MOTA-ROTH, Désirée. (Orgs.) *Gêneros textuais e práticas discursivas: Subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru, SP: EDUSC. 2002.
- \_\_\_\_\_. *Ampliando a Noção de Contexto na Lingüística Sistêmico-Funcional e na Análise Crítica do Discurso*. Linguagem em (Dis)curso. Tubarão: UNISUL. 2004, v. 4, p. 133-157.
- \_\_\_\_\_. “Gêneros Textuais na Análise Crítica de Fairclough”. In: MEURER, José Luis; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- MOTTA-ROTH, Désirée. Questões de metodologia em Análise de Gêneros. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Orgs.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê. 2005, p.179-202.
- WALLACE, Catherine. “Critical literacy awareness in the EFL classroom”. In: FAIRCLOUGH, Norman. (Ed.). *Critical Language Awareness*. Longman: London. 1992.
- WODAK, Ruth. What CDA is about – a summary of its history, important concepts and its developments. In: WODAK, Ruth. & MEYER, Michael. *Methods of Critical Discourse Analysis*. SAGE Publication: London, 2001.
- WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, pp. 7-72.